

TÚMULOS VIRTUAIS: LEITURA BAKHTINIANA DA MORTE NO CIBERESPAÇO*

Diego Pinto de Sousa
Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT
Moisés Carlos de Amorim
Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

RESUMO: A alegoria da navegabilidade para perfis de redes sociais de pessoas falecidas pode ser, introdutoriamente, concebida como uma materialidade cibernética de corpos à deriva em rotas difusas e imprecisas. Aqui conceituado como *túmulo virtual*, o fenômeno da preservação destes perfis no ciberespaço constitui a região e escopo temático. Objetiva-se problematizar como os enunciados presentes em um túmulo virtual (G.) apontam para a dialogicidade das relações sociais e da linguagem e como estas manifestações discursivas traduzem a confluência de temporalidades num espaço (virtual/real). A teoria dialógica do Círculo e de Bakhtin, em destaque seu conceitos de cronotopo e exotopia, servirão como plataforma analítica.

PALAVRAS-CHAVE: Túmulos virtuais. Exotopia. Cronotopo.

INTRODUÇÃO

A Internet admite a metáfora da navegabilidade como espécie de tradução de sua condição de oceano de conexões e redes. Dessa forma, vislumbra-se um cenário multiforme e vasto de embarcações construídas na síntese de subjetividades humanas, tecnologia informática e a linguagem algorítmica. Esse enorme contingente de informação presente no ciberespaço acumula e contempla, de maneira correspondente, variadas naturezas e funcionalidades. Uma considerável fatia desses dados concentra-se em redes e comunidades virtuais como a idealizada por Mark Zuckerberg, o *Facebook*. Os perfis pessoais presentes nesta comunidade virtual corporificam um dos atributos intrigantes ofertados pela revolução digital, a saber, o de estender e relativizar os limites dos sujeitos reais em ambientes virtuais. A dinâmica operação e utilização de redes sociais, assim, tem promovido o insumo para discussões relevantes na contemporaneidade.

Mas o que pensar dos perfis de pessoas falecidas que permanecem *online*? (E dos perfis vivos que com eles interagem?) Se estendermos a mesma alegoria da navegabilidade para perfis de redes sociais de pessoas falecidas poderíamos, numa breve e introdutória reflexão, concebê-los como uma materialidade cibernética de corpos à deriva, zumbis personificados em algoritmos, memórias digitais vagando em rotas difusas e imprecisas. Aqui conceituado como *túmulo virtual*, o fenômeno da preservação de perfis de pessoas falecidas no ciberespaço constitui a região central desta reflexão. A pesquisa objetiva problematizar como os enunciados concretos presentes em um túmulo virtual (G.) apontam para a dialogicidade das relações sociais e da linguagem e, além disso, como estas manifestações semiótico-discursivas traduzem a

* XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

confluência de temporalidades num espaço (virtual/real). A teoria dialógica do Círculo e de Mikhail Bakhtin, em destaque seu conceitos de cronotopo e exotopia, servirão como plataforma de reflexão e análise.

1. CEMITÉRIOS ONLINE: OS TÚMULOS VIRTUAIS

Os túmulos virtuais ampliam-se exponencialmente, uma vez que, segundo dados das Organização das Nações Unidas (ONU) falecem a cada minuto “[...] 102 pessoas (146.880 por dia). Levando em consideração que 30% dos habitantes [...] têm contas em redes sociais [...] transformam em páginas de usuários mortos cerca de 45.532 perfis. (MELO, 2015). Os números ainda indicam que ocorrem “[...] 428 mortes de usuários por hora [...] 312.500 pessoas por mês” (O GLOBO, 2014). Prevê-se, caso o *Facebook* matenha seu crescimento, que “[...] o número de perfis de falecidos na rede superará o de pessoas vivas em 2065 — no entanto, caso a rede continue a se tornar popular, os mortos superarão os vivos no ano 2130.” (O GLOBO, 2014). Este cenário tem redefinido não apenas o conceito de morte, como também rearticulado a compreensão e prática do luto (GURGEL *et al*, 2011).

O advento das tecnologias, em cada período histórico, trouxe em seu bojo transformações sociais. O primado da técnica na contemporaneidade, em especial da virtualidade digital, produziu fissuras e mudanças abissais. A própria estruturação dos conjuntos de paradigmas que justificam e fundamentam a realidade fora, assim, reinventivamente instabilizada em função da revolução digital. A vista disso, coletiva e individualmente, as identidades sofreram modificações. O que é amplamente discutido por autores da estirpe de Stuart Hall e Zigmund Bauman. As especificidades do mundo contemporâneo são resultantes de uma complexa e variada tecedura de fios histórico-sociais. Destacam-se três nas últimas décadas: a globalização, o estabelecimento neoliberal e a revolução tecnológica (a digital em especial). Essa mortificação das fronteiras e alargamento das possibilidades interativas e comunicacionais; por outro lado, trouxeram consigo uma miscelânea de contradições e crises. O ciberespaço é o lugar por excelência de recepção de tais tensões, pois nele assiste-se a relativização e ruptura das relações humanas e da própria inteligibilidade do real. Assomam daí moventes relações identitárias (coletivas e individuais) sem a *costumeira* estabilidade de pertença na realidade, bem como no ambiente cibernético. Sob esse ponto de vista a humanidade defronta-se com uma nova “[...] noção de espaço, em que o físico e o virtual se influenciam um ao outro, lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social”. (CARDOSO, 1998, p. 116 apud GURGEL *et al*, 2011, p. 9). Os fatos acima, como qualquer evento ou atividade humana, se dão no universo da linguagem verbal. E é nesta perspectiva – de que o homem é constituinte e constituído na e pela linguagem – que a pretensão dessa pesquisa procura ser dirimida. Assim, para problematizar a questão do *túmulo virtual*, destacaremos um pequeno número de enunciados concretos (compreendidos por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva) (BAKHTIN, 2010) coletados da página de facebook de G. entre julho de 2015 e fevereiro de 2017.

2. TUMÚLO VIRTUAL: O CRONOTÓPICO CASO G.

A teoria dialógica proposta por Bakhtin e pelo Círculo antecipa em algumas décadas uma compreensão integral e sócio-histórica da linguagem verbal não vista nas primeiras correntes dos estudos linguísticos. Sendo possível sintetizá-la em uma

palavra, sem o risco de reducionismo, a teoria dialógica teria como palavra central o *diálogo*. É a própria natureza dialógica da linguagem que, portanto, nucleia e dirige a maneira pela qual estes pensadores interpretaram o fenômeno verbal. Vê-se o diálogo em todas as esferas sociais e em todas as atividades humanas: tratados científicos, sussurros ao pé d'ouvido, ordens militares, culturas orais e escritas, o próprio discurso interior (BAKHTIN, 2010), possuem no diálogo seu modo de operar e constituir-se. De modo que, apesar de Bakhtin concentrar seus estudos no campo da literatura – pois a considera como uma esfera discursiva sofisticada que potencializa e complexifica o uso da linguagem abarcando em si gêneros discursivos secundários – é possível instrumentalizar os estudos bakhtinianos para outras esferas discursivas como o ciberespaço ou redes sociais em ambientes virtuais, especificamente. Portanto, levando em conta que sua filosofia da linguagem se concentra no diálogo e em seus desdobramentos, conceitos que tratam da criação do autor, da personagem e do romance (como os conceitos de exotopia e cronotopo) podem ser remanejados para uma compreensão mais profunda acerca da natureza da linguagem em qualquer ambiente onde há exercício enunciativo-discursivo, pois na essência, tais conceitos indicam uma concepção definida do fenômeno da linguagem, de sua unidade, bem como do sujeito que enuncia.

É na esteira dialógica, por conseguinte, que refletiremos os túmulos virtuais. A partir de alguns enunciados postados num túmulo virtual específico, a *fanpage* de G. Para Bakhtin e Volochínov “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p. 96). O primeiro enunciado, por exemplo, postado pouco tempo após sua morte carrega consigo elementos complexos relacionados à temporalidade e ao espaço, além de uma consciência sobre a transitoriedade da vida. Vale primeiramente, no entanto, identificar como a virtualidade rearticula o processo de morte e de luto (AMBROSINO, 2016). Visto que na plataforma virtual a *presença* do perfil de G. (um túmulo de memórias virtuais) ressignifica não apenas a sua ausência, que de alguma forma se faz presente e permanece, como também modifica a própria prática do luto e da memória gerenciadas e purgadas publicamente na rede social. Se viver é enunciar, o enunciado existencial deixado pela memória virtual de G. reverbera em outra enunciação:

E assim encerro mais um dia. boa noite pra quem fica. e não pode faltar a despedida de uma pessoa conhecida. Falecida ontem. Não vivemos nesse mundo para ficar. A cada um que se vai, a realidade vem dura mostrando que aqui é uma passagem, e que não tem segunda chance. G. (sic)

O teórico russo concebe a interação verbal como um território de partilha, onde a palavra é considerada como “[...] uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p. 115). A virtualidade produz a estranha relação de pontear a palavra de um interlocutor vivo com a palavra das memórias digitais de um interlocutor já falecido. Este processo incomum, ainda numa leitura bakhtiniana, pode ser traduzido pelo conceito de exotopia. Este pode ser entendido pela consciência estética e ética que a presença axiológica do outro indica à singularidade de cada sujeito, haja vista que é o cenário (excedente de visão) do alheio que circunscreve didaticamente os limites de cada ser (BAKHTIN, 2010). A mensagem endereçada a G. exemplifica o conceito, pois a finitude do alheio assevera os limites do enunciadador que alega: “Não viemos nesse mundo para ficar”.

A postagem também clarifica o conceito de cronotopia que pode, em síntese, ser assimilado como a confluência, na criação verbal, de temporalidades no espaço, a influência recíproca do espaço com o tempo, o tempo-espaço como herança do grande tempo dialógico (BAKHTIN, 2010). Esta clareza se justifica pelo fato de haver nas mensagens postadas na linha do tempo de G. o encontro de múltiplas temporalidades. A representada temporalidade de G. e as temporalidades reinventadas do próprio enunciador que afetado pelos limites existenciais de G. reelabora sua compreensão acerca da vida e da morte, por exemplo. A linguagem carrega consigo a vitalidade dos sentidos. Talvez seja sob essa compreensão que Bakhtin calcula que onde há atividade humana há linguagem e onde há linguagem, por sua vez, há agência humana.

Nesse sentido, “[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais [...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” E, continua os autores: “É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2010, p. 96). Um componente comum a todos os enunciados endereçados a G. é a linguagem saudosista materializada em recordações e declarações. Nela as adjetivações constituem lembranças conjugadas no passado que, todavia, se enuncia como a um interlocutor ainda presente. Cada fragmento (do nível linguístico ao discursivo) constitui-se como legítimo pedaço representativo de vida e de vivências. Como diria Bakhtin, é o material semiótico coligando num único espaço sentidos e temporalidades do grande diálogo entre os tempos históricos. É o que se nota da dor expressa pela mãe de G. no *post* abaixo:

Hoje acordei não querendo abrir os olhos pois sonhei com vc meu amor minha princesa, na hora que abri meus olhos vi que era sonho e vc não estava mais aqui, como sinto sua falta minha querida filha G., como queria abraçar vc conversar com vc eu ti amo boneca linda (sic)

O diálogo como a um vivo, num *pretérito presente*, apresenta o paradoxo que a virtualidade promove de estender os limites da corporeidade. A corporeidade virtual (publicações, imagens, vídeos) preserva o sujeito, em sua memória virtual, em um mundo semiótico e de semioses variadas. Eis aqui o aparecimento de uma problemática milenar e inerente ao humano, o problema da morte, além do contraste entre transitoriedade e o anseio por preservação que a mortalidade congrega. *Preservar-se em vida mesmo morto*. Segundo Norbert Elias (1998) o tempo é um produto de determinado período histórico. Diferentemente da relação com o tempo em sociedades antigas, afirma Elias, o advento da técnica (sobretudo a partir das revoluções industriais) ressignificou o modo de se conceber e se relacionar com o tempo. A mudança produzida na concepção de tempo fora tão impactante que este, atualmente, tem alterado a maneira de o homem relacionar-se com o tempo. A celeridade dos ponteiros e a agilidade da mecânica das máquinas traduzem a exasperada agenda humana na contemporaneidade e a rapidez presente em compromissos e no cotidiano.

Ainda assim, o humano defronta-se com a não aceitação da morte. E, apesar da revolução da longevidade e progressos científicos no campo da saúde, o sentido da vida humana ainda se avizinha como perturbador. A maneira com que o homem se integra com a tecnologia e como se exprime no ciberespaço, de alguma forma, translitera a convivência com tal crise. Cada vez mais os diversos usos da Internet, em

particular as redes sociais, denotam solidões povoadas e crises de não-pertencimento. Em resposta a um site de curiosidades G. foi *marcada* em uma postagem que revela a relação cronotópica existente entre sua memória digital e sua interlocutora, além de tornar visível a busca por sentido na alteridade e a crise que a ausência de um ente querido produz, assim se expressa a interlocutora:

Eu sou vc G. mesmo depois de vc dormir em Cristo, vc vive em mim multiplicada em três, que são seus filhos, que são meus agora.
[“Quem sou eu?” “Que palavra descreve o que você é? Clique para descobrir”] (sic).

Nota-se, uma vez mais, um enunciado acerca de um passado, contudo como para um interlocutor presente que ouve e interage. Esta relação com o túmulo virtual é, relativamente financiada, pela própria gerência da rede social, pois mesmo que noticiados acerca do falecimento do usuário do perfil, empresas como o *facebook* transformam a página em um *memorial*. Este corpo cibernético, a deriva, encontra seu sentido e lugar na reverberação exotópica que portos de sentidos (amigos, familiares etc) oferecem ao lhe dar certo *acabamento*. Como o próprio Bakhtin afirma: “Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010, p. 410). Este acabamento, contraditoriamente, às vezes transcende as postagens de enunciatários saudosistas. No caso de G. fica evidente nalgumas postagens que sua mãe utiliza e publica mensagens em seu nome. A notícia de sua morte ou mesmo o convite no dia de finados para a visita de seu túmulo, são exemplos:

Esta pronto o tumulo da nossa G. quem quiser ir fazer suas visitas neste dia de finados ela foi enterrada no cemitério do bairro [...] (sic)

A interatividade com o túmulo virtual, neste caso, pode ser compreendida como se sua *existência* no ciberespaço mitiga-se a dor que sua ausência no mundo real promove. Outras relações há, todavia, para além de mensagens saudosistas. Por vezes mensagens (que aparentam ser vírus) estabelecem relações com a página virtual de G. a inserindo em *correntes* e mensagens publicitárias. Outro exemplo, não menos incômodo, é o de amigos da página de G. que, alienados de sua morte, ainda continuam a parabenizando pelo seu suposto aniversário. Como se vê a seguir:

Feliz aniversário! Tudo de bom pra você querida. Um abraço! [...]
Parabéns!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Confúcio sem conhecer a linguagem, e a força das palavras, é impossível conhecer o homem. Assim, constructos teóricos que se comprometem em desvelar a língua(gem), como o bakhtiniano, são instrumentos para a compreensão e análise dos multiformes fenômenos enunciativo-discursivos. Nesta reflexão, a teoria dialógica foi brevemente empregada na problematização dos túmulos virtuais. O túmulo virtual (G.) erigido como corpus de análise revelou-se como um espaço de semioses variadas e de interlocução entre esta memória virtual e perfis de amigos e familiares. Os enunciados coletados apresentam uma linguagem passada, mas exprimidos como para um *ainda presente*. O saudosismo e afetividade constituem parte considerável das postagens. Estas especificidades colocam em jogo dilemas como o da morte, a maneira

de conceber e expressar o luto, bem como o impacto da ausência em subjetividades. A partir de conceito bakhtinianos, como o de exotopia e cronotopo, foi possível verificar que as semioses encontradas no tûmulo virtual de G. demonstram que a palavra carrega consigo um sentido vivencial e ideolûgico que transcende a mera representação, conduz, portanto, vidas e vivências tanto em ambientes reais como virtuais. Mais que isso, as postagens demonstram a relaçao espaço-tempo inerente a toda atividade semiûtico-discursiva. Com a exotopia verificou-se que apesar da subjetividade não ser forjada na exterioridade, dela depende dialogicamente para sua constituição. O que indica uma subjetividade que constitui sua singularidade em relaçao com a alteridade.

A partir do conceito de cronotopo notou-se como, mesmo na virtualidade, as redes dialûgicas de sentido são presentificadas em temporalidades confluindo e convivendo num mesmo espaço, o ciberespaço. Estão assim presentes e em perpétuo diálogo as temporalidades e memórias do tûmulo virtual, bem como as temporalidades dos sujeitos que com este dialoga. Essas temporalidades não são avistadas apenas pela utilização de recursos linguísticos que percorrem (concomitantemente os mesmos e ainda novos) a cadeia ininterrupta do grande diálogo dos tempos. São percebidas tambêm nos sentidos que os enunciados propõem (Saudade, não-aceitação, emotividade etc). De modo que, na relaçao dialûgica no ciberespaço entre sujeitos reais e memórias virtuais, contemplam-se a historicidade de sentimentos humanos expressos de maneira singular em cada sujeito. A celebração da renovação dos sentidos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: wmfMartins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociolûgico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.

MELO, A. 'Cemitério online': descubra o destino dos perfis de redes sociais de pessoas mortas. Estudo Prático. 2015. Disponível em:
<<http://www.estudopratico.com.br/cemiterio-online-descubra-o-destino-dos-perfis-de-redes-sociais-de-pessoas-mortas/>> Acesso em: 22 mar. 2017.

AMBROSINO, B. *Como as redes sociais estão mudando nossa maneira de lidar com a morte*. BBC Brasil. 2016. Disponível em:
<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160316_vert_fut_facebook_mortos_ml> Acesso em: 23 mar. 2017.

O GLOBO. *Infográfico mostra o que acontece com os perfis de falecidos nas redes sociais*. 2014. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/infografico-mostra-que-acontece-com-os-perfis-de-falecidos-nas-redes-sociais-12993805>> Acesso em: 22 mar. 2017.

GURGEL, W. et al *LUTO VIRTUAL: o processo de elaboração do luto no ciberespaço*. Cad. Pesq., São Luís, v. 18, n. 1, jan./abr. 2011.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.